



Entrevista exclusiva sobre esportes concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à TV Bandeirantes

Palácio da Alvorada, 02 de junho de 2010

Jornalista: Presidente, quando o senhor jogava, lá na Vila Carioca, no Náutico, quando o senhor entrava em campo, o senhor se inspirava em alguns jogadores daquela época. Hoje, se o senhor estivesse jogando lá no Náutico, lá na Vila Carioca, o senhor acha que o senhor ia se inspirar em que jogador desta seleção? Qual o que mexe com a inspiração do senhor, como boleiro?

Presidente: Olhe, naquela época a minha posição era meia direita. Hoje nem se fala mais, mas para a criança que está assistindo o nosso programa aqui, o meia direita era normalmente o número 8 que, naquela época, era bem representado pelo Didi, que foi campeão do mundo em [19]58. Hoje eu, sinceramente... A gente hoje não consegue mais saber quem joga em que posição, porque tem jogador com a camisa número 100, número 99, número 38, número 47. Fica muito difícil você saber. Antigamente, não, você sabia quem era ponta direita, quem era meia direita, quem era centroavante, quem era ponta esquerda, quem era lateral esquerdo. Hoje você não sabe mais. Mas eu acho que a seleção hoje tem, naquela função, uma pessoa da qualidade do Kaká. Eu acho extremamente importante para a seleção porque o Kaká, ele tem um ponto de equilíbrio psicológico muito importante para jogar na seleção.

Jornalista: É o jogador que mais emociona o senhor, como torcedor? Quer dizer, quando... o torcedor gosta, às vezes, de um jogador que tem uma fantasia. O Kaká é esse jogador para o senhor ou tem um outro que mexe mais com o senhor, assim, como torcedor?



Presidente: Não, não, não. O Kaká não é aquele jogador que mexe com a explosão do torcedor, como fazia o Garrincha ou como fazia o Pelé, naquele drible com a bola batendo nas próprias pernas. Mas o Kaká tem uma coisa que é a seguinte: o Kaká... tem pouca gente com a objetividade que tem o Kaká.

Jornalista: Sim.

Presidente: O Kaká, quando ele pega a bola, você percebe que ele tem uma direção, ele corre para o gol, ele corre para o gol. Eu vi momentos importantes do Kaká na seleção, eu vi momentos exuberantes do Kaká no Milan, em que ele decidiu o jogo, e eu acho que é esse Kaká que vai estar na seleção. Ele sabe que, possivelmente, seja a última Copa dele, ele sabe disso e, certamente, ele, que vem de uma recuperação, ele vai dar aquilo que ele tem de melhor. Eu tenho muita fé no Kaká como uma das marcas da seleção brasileira.

Jornalista: Presidente, o brasileiro, todo brasileiro tem espírito de técnico, e as seleções, todas elas receberam críticas. Tanto é que a seleção de [19]70, que é a seleção mais elogiada, também foi criticada a defesa da seleção, se o Pelé seria o grande atacante. A de [19]94, a mesma coisa; a de 2002. Esta seleção de hoje, ela também não deixou de ser criticada, principalmente a convocação pelo Dunga. O senhor ficaria mais tranquilo se o técnico, por exemplo, fosse um Felipão?

Presidente: Deixa eu dizer uma coisa: primeiro, nós não temos que ter medo da crítica, ou seja, a gente não pode ver a crítica sempre como uma coisa ruim. Se você fosse montar dentro da Bandeirantes uma equipe para trabalhar contigo e fosse escolher, por exemplo, de todos os câmeras, fosse escolher dois para trabalhar com você, ia ter crítica: “Por que você não escolheu o



fulano, por que você não escolheu o beltrano?”. Você imagine, num país como o Brasil, você escolher 22 jogadores para irem para a seleção. Sempre vai faltar alguém, sempre.

Agora, vamos ver o seguinte: eu acho que o Dunga, nesta seleção agora, possivelmente ele tenha sido o técnico que escolheu um percentual muito maior das pessoas que todo mundo sabia que iam ser convocadas. Por quê? Porque o Dunga convocou a seleção que todo mundo sabia que era a seleção dele, não tem novidade. Uma parte tinha ganhado a Copa América com ele, outra parte ganhou a Copa das Confederações, e outra parte tinha jogado os amistosos todos, que ele dirigiu, da seleção. Então, ele não inventou nada, ele apenas convocou aqueles jogadores que, sob o comando dele, fizeram o Brasil recuperar outra vez a primazia de ser o primeiro no ranking mundial das seleções; coisa que o Brasil não estava, era a Espanha. Depois o Dunga ganhou tudo que ele participou. Vocês estão lembrados que na Copa América, na Venezuela, vários craques não quiseram vir para a seleção. Ele convocou. Veio apenas, de craque mesmo, daqueles renomados, o Robinho. E ele deu um “passeio” na Argentina, de 3 a 1 na final, e ganhamos a Copa América. Então, esse time do Dunga é o time que tem, primeiro, o que tem de melhor nesse momento, no futebol brasileiro. Se você olhar, você vai dizer: faltou quem?

Jornalista: Faltou quem?

Presidente: Faltou quem?

Jornalista: Ronaldo, o Fenômeno?

Presidente: Veja, eu acho... eu acho que... O Ronaldo, na verdade, não trabalhou para voltar para a seleção, porque o Ronaldo, como jogador de



futebol, se ele estivesse na sua melhor forma física e jogando o que ele sabe jogar, ele poderia ainda ir para a seleção. Talvez tenha faltado o Ronaldinho, que voltou a jogar bem no Milan. Mas o problema é que quando você vai montar uma equipe... Para a televisão: quando você vai montar a turma de jornalismo da Bandeirantes, não é apenas o cara qualificado, o cara bom jornalista; tem a personalidade, tem o trabalho em equipe, que você leva em conta para montar o teu time. E, possivelmente, o Dunga entendeu que o Ronaldinho não se encaixava nesse perfil. Faltou quem? O Ganso, o Neymar? Eu concordo com os argumentos do Dunga, ou seja, eles têm boas expectativas, são boas promessas, podem ir muito longe, mas a história do Brasil também está cheia de jogadores que parecia que iam longe e que não foram a lugar nenhum. E você achar que, porque jogou um jogo bem, já vai para a seleção? Não é assim que vai para a seleção! Poderia ter dado uma chance? Poderia. Mas veja, o técnico fica sempre na dúvida: “Se eu levo e coloco, e esse menino não dá certo? Se ele tremer? Se ele fracassar? Em vez de ajudar, eu queimei”. Então, tem um milhão de dúvidas que fazem com que as pessoas prefiram escolher quem está mais calejado, quem já tem mais experiência, quem não vai tremer na hora. Eu acho que... Eu acho que o Dunga escolheu aquilo que ele tinha que escolher.

Jornalista: Presidente, o que é mais difícil em um país com tanta gente que gosta tanto de futebol: convocar os jogadores para a Copa ou montar um ministério?

Presidente: Eu acho que os dois são difíceis, porque todo mundo se acha técnico de futebol, todo mundo se acha competente, todo mundo acha que entende. E todo mundo acha que montar uma equipe é fácil, uma equipe de governo. Não é fácil montar uma equipe de governo, sobretudo quando você tem que trazer gente de outros partidos políticos, gente que você não conhece



e que você tem que trazer para o governo porque você precisa construir a coalizão política. Eu acho que os dois são difíceis, os dois são difíceis. O problema é que na Copa do Mundo, convocar a seleção, todo mundo conhece os jogadores. Então, o pessoal está mais ali, sabe? Certamente, o pessoal entende mais de seleção brasileira do que de ministérios.

Jornalista: O senhor acha que o Dunga é mais pressionado do que o senhor na hora de montar o ministério?

Presidente: Ah, eu acho que eles são muito mais pressionados do que eu, muito mais pressionados.

Jornalista: Presidente, o senhor que acompanhou tantas seleções, o senhor gosta de esportes, a gente vê que o senhor gosta muito de futebol... A concentração de um time é bastante importante, pelo menos é o que se preservava até hoje. A gente viu agora o técnico Maradona, da Argentina, liberando, na concentração, vinho, sexo e churrasco. O que o senhor acha dessa decisão? O senhor acha que isso não atrapalharia os times, ou a concentração não precisa desse tanto zelo com os jogadores?

Presidente: Olha, eu, veja, eu, sinceramente, acho que cada técnico pensa de um jeito e faz aquilo que ele entende que seja melhor. Eu, sinceramente, acho que a Copa do Mundo é uma coisa tão rápida, dura só 30 dias. Portanto, quanto mais profissionalismo tiver, quanto mais concentração tiver, melhor; os jogadores estiverem efetivamente concentrados. Obviamente, eu não sou médico para saber se o cara passar uma noite comendo um quilo de picanha, se no dia seguinte ele vai estar bem para jogar. Se ele tomar vinho... Depende, se ele tomar uma dose de vinho é bom para o coração, mas se tomar dez doses, já vai ficar com um rolimã embaixo do pé. Eu, sinceramente, não tenho



condições de avaliar, não tenho condições. Eu acho que a gente não pode nem ser tão rígido, a ponto de proibir tudo, como não pode ser liberal, a ponto de fazer um “liberou geral”. Agora, cada técnico tem autonomia para tomar as suas decisões. Eu tenho consciência de que o Brasil, mais uma vez, vai agir com profissionalismo. Acho que 2006 está muito na cabeça de todos nós, brasileiros.

Jornalista: O que a gente fez de errado em 2006?

Presidente: Não, eu... Pelo que eu leio na imprensa, pelo que eu acompanho, eu acho que houve... Nós tínhamos muita estrela, era muito craque junto em um... No céu não cabia o tanto de estrela que estava no céu. Então, era gente querendo fazer propaganda aqui, *merchandising* dali, ou seja, o que menos importava era o jogo. Então, acho que isso trouxe problemas para nós, nós pagamos um preço muito caro por isso. Pagamos um preço, porque era uma geração de ouro, que não merecia ter sido frustrada naquela derrota para a França. Apesar de que perdemos para a França, mas não tínhamos jogado nenhum jogo bem, nenhum jogo nós jogamos bem. E era uma seleção, do ponto de vista da qualidade individual, impecável.

Jornalista: Presidente, no dia da despedida da seleção Brasileira aqui no Brasil, que ela passou aqui em Brasília, muita gente comenta que o técnico Dunga teria sido descortês com o senhor, não teria sido muito simpático na hora de lhe dar a mão, teria dado a mão esquerda, teria dado... Não teria sido simpático com o senhor. E isso, talvez, as pessoas comentam em relação ao comentário que o senhor teria feito lá na Copa América, sobre a garra da seleção argentina, que o Brasil precisava ter um pouco dessa garra da seleção argentina. Muita gente tem comentado isso. O senhor acha que faltou cortesia, que o Dunga não foi simpático com o senhor? O senhor sentiu que há uma



animosidade, que há ainda alguma coisa que ele ficou chateado, lá no passado, ou não?

Presidente: Bem, eu, sinceramente, só fiquei sabendo disso depois que eu vi a imprensa, porque o comportamento do Dunga que me trouxe os jogadores foi um comportamento normal, do encontro de um presidente da República com uma seleção que vai representar o Brasil no exterior. Eu, sinceramente, não vi nada de anormal. Conversei com o Dunga; conversei com ele e com o Ricardo Teixeira; conversei com ele e com os jogadores. Eu não senti nenhuma anormalidade no comportamento do Dunga.

Jornalista: E essa questão de ter feito comentário sobre a seleção da Argentina, na Copa América?

Presidente: Veja, eu não sei se o Dunga achou ruim, porque não se trata de fazer um comentário, trata-se de fazer uma constatação. Todo mundo está vendo. Todo mundo, na televisão, consegue perceber quando o jogador está esforçado, quando o jogador vai atrás da bola. Quem é que não percebe um jogador que perde a bola e sai correndo para tomar a bola do adversário, ou aquele jogador que perde a bola, põe a mão na cintura, e acha que o outro é o responsável de tirar a bola do adversário? Qualquer torcedor compreende isso.

Jornalista: E naquele momento...

Presidente: E acho que nenhum técnico pode achar ruim. Como o presidente da República não pode achar ruim se as pessoas fizerem comentário de que o governo tem falhas. Não existe possibilidade.

Jornalista: Agora, o senhor dedicou um tempinho, um pouquinho mais, para o



Kaká e para o Luís Fabiano. O senhor fez algum pedido especial, assim: “Faça os gols vamos ganhar essa Copa”?

Presidente: Veja, eu acho o Kaká... eu já tenho uma... eu já encontrei com o Kaká várias vezes, ele já veio em casa com a família, já encontrei com ele na Itália. O Berlusconi uma vez levou todos os jogadores do Milan para almoçar comigo. Então, eu tenho uma relação mais íntima com o Kaká. Eu acho que o Kaká sempre será importante para a seleção brasileira. Com o Luís Fabiano, eu acho que o Luís Fabiano vive um bom momento. Nós... eu acho que ele e o Nilmar são uma dupla extraordinária de atacantes, ou seja, não vejo aí fora quem é que pode estar melhor do que ele. “Ah! O Adriano poderia...” Mas se o Adriano quisesse ir para a seleção, deveria ter se dedicado! O cara não pode achar que porque foi bom vai para a seleção. Não, tem que estar bom! Não é que foi bom, tem que estar bom naquele momento que vai fazer a convocação. Eu acho que o Luís Fabiano é um jogador que pode dar muitas alegrias ao povo brasileiro.

Jornalista: Presidente, essa é uma Copa especial para o Brasil, porque em 2014 o Brasil vai receber a Copa do Mundo. Quer dizer, há uma responsabilidade muito maior para o Brasil, quando acabar essa Copa. As obras dos estádios, elas não estão atrasadas, Presidente?

Presidente: Não. É engraçado, porque nós ainda estamos em 2010, não houve nem a Copa do Mundo da África, e as pessoas já querem que a gente esteja com os estádios prontos. Eu até separei aqui, Sérgio, para mostrar o seguinte: olhe, nós já fizemos tudo o que nós tínhamos que fazer, do ponto de vista de traçar o caminho para fazer os estádios. Ou seja, nós já colocamos o BNDES à disposição dos governadores. São, praticamente... nós colocamos R\$ 400 milhões à disposição, de financiamento, para os governadores fazerem



os estádios novos. Vai ficar uma pequena parte para ser colocada pelos governadores; tanto para os estádios particulares quanto para os estádios dos estados. Portanto, isso estará pronto. Obviamente que cada governador fez o melhor projeto. Cada um quer fazer um projeto de estádio mais extraordinário, que hoje não é um estádio apenas para jogar bola, é um estádio chamado multiuso, que vai poder fazer 500 coisas, que vai ter shopping, cada um pensou em uma coisa. Nós estamos colocando dinheiro para financiar, todo mundo sabe que tem que começar a trabalhar, e nós precisamos estar com os estádios prontos em 2014. Certamente, nós estaremos com todos os estádios prontos. Já assinamos todos os compromissos que tínhamos que assinar. Eu não deixei para o próximo presidente, eu não deixei para quem vier depois de mim. Não. Nós assinamos todos os compromissos que tínhamos que assinar com a Fifa para responsabilizar o presidente da República, ou seja, o governo central, os governos estaduais e os governos municipais. Para não ficar aquele negócio de um ficar como se fosse cachorro de muitos donos, que morre de fome porque todos pensaram que deram comida e ninguém deu comida. No fundo, no fundo, é o seguinte: nós queremos saber qual é a responsabilidade do prefeito, do governador e do governo federal. Está tudo isso mapeado, projeto de lei organizado, e nós vamos fazer uma Copa do Mundo excepcional.

Jornalista: Mas o senhor não fica preocupado quando o senhor vê que o estádio ainda não saiu do papel, ainda não começaram as obras, ainda não começou... o projeto não foi contratado?

Presidente: Não, mas vai começar no momento certo! Nós temos... Só para você ter uma ideia de uma coisa, veja, nós já colocamos à disposição dos estádios [estados] o financiamento de 75% dos estados [estádios]. Portanto, tanto os estádios públicos quanto os privados terão essa mesma possibilidade. Nós já colocamos, praticamente, R\$ 11 bilhões para discutir a questão do



transporte público. Nós já colocamos mais de R\$ 5,6 bilhões para discutir a questão dos aeroportos. Nós estamos conscientes do que temos que fazer, sabemos o que precisa ser feito, assumimos compromisso, assinamos compromisso com a Fifa e, portanto, eu estou tranquilo com relação à Copa do Mundo de 2014...

Jornalista: Está no prazo, está no prazo para o senhor?

Presidente: ...e muito mais tranquilo com as Olimpíadas.

Jornalista: Esse levantamento do Ipea, Presidente, falando que poderia ter um caos aéreo em 2014... Na verdade, o que eu estou vendo, o senhor falou aí agora, é que terá investimentos, já foram...

Presidente: Veja, eu, sinceramente, você sabe que eu respeito, eu respeito os prognósticos, tanto para o bem como para o mal. O dado concreto é que o povo brasileiro está viajando mais de avião. Muita gente neste país, que dez anos atrás só ia para o Nordeste de ônibus, está indo de avião, porque houve 31 milhões de brasileiros que ascenderam à classe média brasileira. E nós sabemos – não por conta da Copa do Mundo –, nós sabemos que é preciso fazer uma grande reformulação nos aeroportos brasileiros: em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Nordeste inteiro. Nós sabemos disso.

Jornalista: Que será feita até 2014.

Presidente: O ministro Jobim tem consciência disso, está sendo feito projeto em todos os estados, já colocamos quase R\$ 5,7 bilhões para cuidar dos aeroportos, e vão estar todos prontos para a Copa do Mundo e as Olimpíadas.



Jornalista: Onde deve ser a abertura da Copa do Mundo, na opinião do senhor?

Presidente: Ah, eu não sei, meu filho. Aí eu vou entrar numa seara que...

Jornalista: Mas o governo federal acha que a Copa, em São Paulo, deve ser no Morumbi?

Presidente: Eu acho que é preciso aperfeiçoar o Morumbi, porque não tem sentido você ter um estádio como São Paulo tem, e você ter que fazer um novo. Nós não estamos com dinheiro para gastar à toa. É preciso ver se o Morumbi tem condições e recuperá-lo. A diretoria do São Paulo diz que tem, não sei se precisa fazer um novo. Eu gostaria que o Corinthians tivesse um estádio. O Palmeiras vai reformar o seu, agora. Eu acho que o Corinthians deveria ter um estádio, pelo menos, para uns 60, 70 mil torcedores, mas eu não sei se isso tem que ser feito para a Copa do Mundo. Acho que, inexoravelmente, inexoravelmente, pela importância política dos dois estados, cultural, pelo que representam na economia brasileira, eu acho que São Paulo e Rio vão dividir a abertura e o encerramento.

Jornalista: Presidente, o senhor é um...

Presidente: Quem fizer a abertura tem certeza do que vai acontecer. Agora, na final, a gente não sabe se o Brasil vai estar.

Jornalista: Porque tem muita gente dizendo que a abertura e o encerramento poderiam ser no Maracanã, não é? Diante da dificuldade do Morumbi.

Presidente: Ah, mas até 2014, gente, o Morumbi vai estar pronto ou outro



estádio vai estar pronto.

Jornalista: A prioridade, o senhor acha que deve ser o Morumbi.

Presidente: Eu não posso imaginar, eu não posso imaginar, em sua consciência, que o estado mais rico da Federação, onde se pratica um dos melhores futebolis do Brasil, onde tem o Coringão, a gente não vai ter estádio para fazer a Copa do Mundo! É impensável! Mesmo que não tiver presidente e não tiver governador, vai ter estádio, e pode ser o Morumbi.

Jornalista: Presidente, o senhor é uma pessoa de sorte. Claro, é muito trabalhador, mas é uma pessoa, também, muito de sorte, não é? Pela sua carreira política, a gente vê muito bem isso. Agora, eu não sei se o senhor já teve acesso, na internet, a algumas brincadeiras que se faz em relação ao senhor, das pessoas que o visitam, de que o senhor seria “pé frio”, para alguns esportistas. O que o senhor acha dessa brincadeira que circula por aí?

Presidente: Primeiro, eu não acredito nessa história de “pé frio”, não acredito. Eu já vi jogo em que o meu time jogou, que a seleção ganhou; e já deixei de assistir jogo que o meu time perdeu, já deixei de ver jogo que a seleção brasileira perdeu. Eu, às vezes, estou em casa, em São Bernardo... normalmente, eu saio de casa antes de acabar o segundo tempo, aos vinte para as seis, mais ou menos, eu saio de casa. Às vezes, o Corinthians está perdendo, daqui a pouco eu chego no carro, o meu filho liga no celular: “Empatou! Você era ‘pé frio’ mesmo”. Mas veja como eu sou “pé quente”: eles não tiveram coragem de ver o jogo Corinthians e Santos, com medo de que o Corinthians perdesse, e eu assisti aqui, sozinho, e o Corinthians ganhou de 4 x 2. Ou seja, não existe isso. Na verdade, não é você que está jogando. Você tem 50 milhões pessoas vendo um jogo, como é que pode (incompreensível)?



Jornalista: Mas o senhor tem alguma simpatia, Presidente?

Jornalista: O senhor tem ritual para assistir jogo? Todo torcedor tem um pouco de ritual.

Presidente: Não, não tenho, não tenho, não tenho.

Jornalista: A mesma camisa, não troca a roupa para assistir o jogo...

Presidente: Não tem ritual, não tem ritual.

Jornalista: Tem torcedores que não deixam nem a mulher assistir, do lado,...

Presidente: Ah, não, não...

Jornalista: ...porque dizem que dá azar. Com o senhor não acontece isso...

Presidente: Isso é bobagem, tudo isso é bobagem.

Jornalista: É.

Presidente: Tudo isso é bobagem. Quem ganha o jogo são os jogadores e o técnico. Quem perde o jogo são os jogadores e o técnico. O torcedor ajuda quando está no estádio, vaiando, aplaudindo, chorando...

Jornalista: Presidente, o senhor, quando está assistindo ao jogo, é daquele torcedor participativo, que xinga, elogia o jogador, que grita na sala...?



Presidente: Não, eu xingo em silêncio.

Jornalista: Hã?

Presidente: Eu xingo em silêncio. Eu xingo...

Jornalista: Hã?

Presidente: Na verdade, eu faço o que todo mundo faz. Não, tem torcedor que é muito chato.

Jornalista: Torcedor chato? O que é o torcedor chato?

Presidente: Ah, nem me fale. É torcedor que não deixa você assistir ao jogo. Aquele torcedor que quer saber mais do que os jogadores. Aquele torcedor que... aquele cara que está na frente da televisão dizendo para o cara: "Passa a bola, passa! Chuta agora, chuta!", como se ele fosse o jogador!

Jornalista: Tem assessor,...

Presidente: (incompreensível)

Jornalista: ...ministro, aqui, que o senhor não deixa assistir a jogo com o senhor?

Jornalista: Tem algum, ou não?

Presidente: Não, não. Não vou falar porque, se eu falar, eu tenho que mandar embora. Veja, está chegando aí a Copa do Mundo, eu vou trazer alguns para



verem aqui no Alvorada. Então, não vou separar entre chatos e não chatos. Mas tem cara que é chato.

Jornalista: E o senhor não gosta de assistir a jogo com eles?

Presidente: Rapaz, um dia eu estava vendo um jogo Corinthians e Palmeiras, a final do Campeonato Paulista, me chega um amigo meu, torcedor do Palmeiras, com rojão para soltar na minha casa!

Jornalista: Esse amigo não é nenhum ministro não, não é?

Presidente: A sorte é que o Corinthians ganhou.

Jornalista: Aí é quase como receber a Argentina, em dia de final de Copa do Mundo, hein?

Presidente: Olha, eu acho que Brasil e Argentina, se fosse no final da Copa do Mundo, seria um jogo... seria.. Porque, na verdade, são duas seleções da melhor qualidade. A quantidade de argentinos e brasileiros que estão jogando no mundo afora é uma coisa extraordinária.

Jornalista: Presidente, sinceramente, o senhor acha que essa seleção vai chegar à final? E qual time essa seleção vai enfrentar?

Presidente: Olha, vamos pegar... Vamos fingir que nós três aqui somos daqueles que achamos que entendemos de futebol, e que a seleção do Brasil não está boa. Aponte-me uma melhor do que a do Brasil. A da Itália? É importante lembrar que a última seleção da Itália que foi campeã do mundo, muita gente já parou até de jogar, já está na idade de não ir mais para a Copa



do Mundo. Portanto, é um processo de renovação da seleção italiana. A França está bem?

Jornalista: A Argentina?

Presidente: No fundo, no fundo, veja, você tem, de novidade, hoje, a Espanha, por causa que ganhou a Eurocopa. E dizem, o meu amigo Zapatero diz: “Não, é a melhor seleção de *todos los tiempos*”. Mas foi para a Copa das Confederações e perdeu para os Estados Unidos. Então, quando você olha a Copa do Mundo, desde que ela começou a se realizar, em 1930, se não me falha a memória, quem foram os campeões? Três países têm 12 Copas: Brasil, 5; Itália, 4; Alemanha 3. Outros quatro países têm as outras: Uruguai, 2; Argentina, 2; Inglaterra, 1; e França, outra. Ninguém mais ganhou. Então, a possibilidade de o Brasil ganhar é muito grande, muito grande... Só por esse prognóstico que eu disse agora, por esse resultado... Mas quem é que pode ir para a final, de novidade? A única novidade pode ser a Espanha, porque a Alemanha todo mundo sabe que pode ir, porque a Itália todo mundo sabe que pode ir, porque a Argentina todo mundo sabe que pode ir... A França pode ir, mas também está com vários jogadores já em idade avançada, aqueles que disputaram, alguns [19]98; outros, 2002 e 2006. Então, certamente, o Brasil tem muita probabilidade.

Jornalista: Agora, 2014. A seleção de 2014, o senhor vai recepcioná-la como candidato ou como torcedor?

Presidente: Ah, eu espero que como torcedor.

Jornalista: (Risos)



Presidente: Espero, como torcedor, estar no Morumbi ou no Maracanã assistindo ao jogo da seleção brasileira.

Jornalista: Quando o senhor diz “espera”, o senhor descarta sair como candidato?

Presidente: Não, eu não descarto, mas a única coisa que eu tenho certeza é que vou estar fora do governo, mas... Eu acho que o Brasil, o Brasil, quando chegar em 2014, vai ter uma safra nova de jogadores. Aí sim, a gente pode ter um Ganso, pode ter um Neymar, o Robinho já vai estar com 30 anos. Mas nós vamos ter que gerar mais jogadores, porque o Brasil é engraçado; o Brasil, diferentemente dos anos 70 ou dos anos 60, em que a gente era o melhor futebol do mundo e praticava o melhor do mundo aqui, hoje não. Hoje, nós continuamos produzindo grandes jogadores, mas o melhor futebol, hoje, não é praticado no Brasil. Ele é praticado na Inglaterra, ele é praticado na Espanha, ele é praticado na Itália, ele é praticado na Alemanha, está sendo praticado, agora, na Rússia, está sendo praticado no Uzbequistão, no Cazaquistão, na Turquia. Onde você vai, você encontra jogadores brasileiros, jogadores argentinos, jogadores uruguaios, jogadores peruanos, jogadores chilenos. Ah, uma coisa importante: nessa Copa do Mundo tem uma novidade aqui, no pedaço, que é a seleção do Chile. Foi a segunda classificada nas eliminatórias. Eu acho que o Chile pode ser uma novidade.

Jornalista: Pode ser adversário do Brasil nas oitavas de final, não é?

Presidente: Pode, pode. Não, o Brasil está tranquilo, quem vier nós vamos...

Jornalista: Presidente, muita gente diz que o futebol tem muita relação com a política. O senhor acha que se o Brasil for campeão do Mundo, ajuda a



candidata do governo, ou isso não tem relação nenhuma?

Presidente: Não tem relação nenhuma. De vez em quando, as pessoas... A gente está falando aqui de palpitesiros... De vez em quando, as pessoas dão palpites, não tem nenhuma relação o Brasil ganhar ou o Brasil perder, com a campanha presidencial. São duas coisas distintas, totalmente distintas. Lógico que para o candidato, o candidato tem uma alegria: fazer campanha com o Brasil campeão do mundo é outra coisa. Mas quando chegar o mês de setembro, ninguém está lembrando mais de Copa do Mundo, o pessoal está pensando é na campanha mesmo. Aí o que vai ser lembrado é a política econômica, é a política educacional, é a política de saúde, é a política de transporte; um candidato chutando a canela do outro sem pegar cartão vermelho, sem pegar cartão amarelo, porque na campanha também tem jogo pesado.

Jornalista: Tem muita canelada?

Presidente: Muita canelada, muita, muita.

Jornalista: Bom, Presidente, uma perguntinha: quando o senhor hoje sonha, quando o senhor se deita, sonha e dorme, o senhor sonha ainda com o senhor jogando futebol ou não?

Jornalista: Lá no Náutico, por exemplo?

Presidente: Não.

Jornalista: E quando o senhor sonha, o senhor sonha com algum jogador de hoje tabelando com o senhor, ou não?



Presidente: Não, não, não. Eu tenho sonhado mais sobre problemas do que...

Jornalista: Não dá para sonhar com futebol?

Presidente: ...com futebol. Mas, você sabe...

Jornalista: Com quem o senhor gostaria de tabelar?

Presidente: ...você sabe que eu adoro futebol, gosto de futebol, e não apenas de futebol, gosto de esportes como um todo. Eu... teve um tempo em que eu ficava até às 3h da manhã para ver uma luta de boxe. É que agora está feio, não tem lutadores como tinha o *Sugar*, como tinha aquele do Panamá...

Jornalista: O *Mano de Piedra*, não é?

Presidente: ...o *Mano de Piedra*, o Chavez, do México, o Muhammad Ali, o Cassius Clay, não tem mais. Então, agora tem uns pesos-pesados meio gordos, não tem mais aquela emoção. Mas eu ficava até as 2[h], 3h da manhã para ver uma luta. Eu gostava mais de luta do que de corrida de carro. Mas eu gosto, eu me sinto bem. Às vezes à meia-noite, 1h da manhã, 2h. Perdi o sono, em vez de ficar brigando com o travesseiro, me levanto e ligo a televisão. Em vez de ver um filme, com um cidadão com uma pistola dando 300 tiros no outro e não mata, o cara ainda se levanta... Na vida real, uma bala perdida mata uma pessoa. No filme, o cara descarrega 300 tiros na outra pessoa, aí ela se levanta, pronto. Em vez de ver violência, eu prefiro, então, pegar alguma coisa (incompreensível) no esporte.

Jornalista: Em algum momento o senhor chegou a querer ser jogador de



futebol, quando o senhor era mais novo, ou não?

Presidente: Ah, rapaz, bem que eu tentei.

Jornalista: Queria mesmo ou não?

Presidente: Não. Você sabe que naquele tempo, naquele tempo, quando eu era adolescente, a gente jogava bola diferentemente do que é hoje, porque naquele tempo também o jogador profissional não ganhava dinheiro.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Futebol não era uma coisa que você tinha obsessão para ser profissional, para ficar. Os jogadores começaram a ganhar muito dinheiro a partir da década de 70, e mais a partir da década de 80, e mais a partir da década de 90, e mais agora. Um jogador agora, certamente, um menino como esse Neymar, do Santos, ele deve ter ganhado mais dinheiro nesse pouco tempo que ele está jogando, do que jogadores famosos que foram campeões do mundo duas vezes, em [19]58 e [19]62, porque o futebol virou uma coisa milionária, virou um empreendimento, um investimento extraordinário. Eu fiquei vendo agora que o Adriano foi contratado pelo Roma para ganhar, acho que R\$ 1,5 milhão por mês, não sei se é isso, uma coisa mais ou menos assim. Um milhão e meio de reais por mês, eu acho que o Pagão não ganhou a vida dele inteira, e olha que ter um centroavante com a qualidade que era o Pagão, nós não temos há muitas décadas, neste país. O Pagão era um jogador fino, era um artista da bola. Não deve ter ganhado nada, e outros que não ganharam nada. Certamente, o Pelé ganhou menos do que muitos meninos desses aí, que ganham em um contrato o que o Pelé não ganhou a vida inteira. Então, futebol virou uma coisa, um investimento, hoje, precioso. O que os times



européus pagam para os jogadores é uma... significa que tem retorno, não é? Então...

Jornalista: Mas o senhor nunca pensou nisso?

Presidente: Não, nunca pensei em ser profissional, não, eu nunca pensei. Sinceramente, eu, muito cedo eu tinha que trabalhar para sobreviver e para... Tinha companheiros meus que treinavam; que treinavam no Corinthians, treinavam no Cerâmica São Caetano, treinavam no Juventus. E tinha que treinar durante a semana, então eles não podiam trabalhar, e eu tinha que trabalhar. Então, eu não tinha tempo.

Jornalista: Presidente, obrigado pela entrevista para falar sobre esportes, sobre futebol, sobre Copa do Mundo. A última mensagem do senhor para o brasileiro que vai assistir esta Copa do Mundo seria o quê? Vamos estar... vamos ficar confiantes mesmo, na seleção e no nosso país, é isso?

Presidente: Olha, eu acho que o que a gente poderia dizer ao povo brasileiro é, primeiro, que nós temos que estar sempre pensando em coisas positivas, que a gente vai ganhar. Nós temos que ter consciência de que nós podemos ganhar, que temos mais time e que não tem ninguém melhor do que nós. Pode ter igual, melhor não tem. Agora, o Brasil tem mais experiência, o Brasil tem mais tarimba, tem mais, eu diria, potencial. Portanto, leve lá para a...

Jornalista: A África.

Presidente: ...a África a nossa solidariedade aos jogadores e eu, sinceramente, acho que o povo brasileiro vai estar muito otimista, muito otimista. Acho que a gente tem que colocar a nossa bandeira do Brasil na



nossa casa e acreditar que o Brasil vai voltar de lá com o caneco.

Jornalista: O senhor acha que na volta vai ter alguém dando cambalhota, aí, no Palácio do Planalto ou não?

Presidente: Eu não sei. Veja, eu... Sabe que eu tinha viagem... tinha que continuar uma viagem, porque eu estou viajando no dia 2. Eu vou a Cabo Verde, vou a Guiné-Bissau, vou a Guiné Equatorial, vou à Zâmbia, vou à Tanzânia, vou ao Quênia, para terminar na África do Sul, numa visita de chefe de Estado, no dia 9, para ver a final no dia 10. Eu teria que ir de qualquer jeito à África porque o Brasil vai sediar a Copa do Mundo de 2014. Se o Brasil não estiver na final, eu tenho que estar na África do mesmo jeito. Mas, veja, vai combinar uma visita de Estado com a sorte de o Brasil chegar à final e ser campeão do mundo. Aí eu desmarquei a viagem porque se o Brasil for campeão, eu tenho que voltar para cá.

Jornalista: Para receber, é claro.

Presidente: Lógico.

Jornalista: Aí está pronto para se tiver cambalhota, hein?

Presidente: Eu quero estar aqui para dar festa. Até eu vou dar cambalhota! Não vai ser uma grande cambalhota, vai ser uma pirueta pequenininha.

Jornalista: Não vai ser igual à do Vampeta, vai ser uma cambalhotinha.

Presidente: Olha, deixa eu dizer: eu quero agradecer a vocês por esta entrevista porque um político, normalmente, ele aparece na televisão só para



falar de política, para falar de problema. Vocês não sabem o quanto faz bem para um presidente falar de coisas que o povo fala todo santo dia, que o povo discute e que parecem uma coisa tão distante do Presidente. Hoje eu, sinceramente, me senti mais brasileiro do que em outras entrevistas porque eu estou falando de futebol, estou falando de uma coisa simples, de que todo o povo humilde gosta, de que todo o povo rico gosta, de que mulheres e homens gostam. Falei de uma coisa... Vocês perceberam que eu não entendo tanto quanto eu falo que entendo, mas vocês também não entendem tanto quanto vocês pensam que entendem. Então, eu acho que nós, aqui, nos colocamos de acordo que vale a pena a gente torcer para o Brasil mais uma vez ser campeão do mundo.

Jornalista: Obrigado, Presidente.

(\$31DHJLP)